

PETRÓPOLIS, RJ, 14 DE MARÇO DE 1998

*Meu caro amigo e Governador, Marcello Alencar; Senhores Ministros Dornelles e Weffort; Senhores Deputados que aqui estão; Senhores Parlamentares; Dom Pedro, Dom João; Senhor Prefeito Leandro Sampaio; Senhor Desembargador; Senhor Presidente da Firjan; Senhoras e Senhores,*

É difícil acrescentar ao que foi dito alguma palavra que possa ampliar o significado desta inauguração. Mas, antes mesmo de tentar fazer uma pequena consideração sobre este evento, eu queria explicar que a Ruth não está aqui hoje porque está representando o Brasil na Colômbia, numa reunião do BID. E espero que de lá venham alguns recursos para nós.

Eu queria apenas dizer-lhes o seguinte: o momento é de recordação. Recordação significa voltar ao coração; recordar, voltar ao coração. E Petrópolis tem o dom de nos fazer voltar ao coração, voltar a encontrar, nesta cidade, os sentimentos mais puros, da alegria, da cidade das hortênsias, da meninice, da juventude, como disse o Governador; mas, mais do que isso, de sentir uma cidade que é acolhedora. Toda vida o foi.

Também significa dizer que há uma tradição, significa dizer que Petrópolis simboliza aquilo que o Prefeito Leandro Sampaio mencionou. Nós aqui, hoje, recordamos, ao reinaugurar o Palácio de Cristal, um gesto do Conde D'Eu para com a Princesa Isabel e para com a cidade, um local de encontro, um local de convivência. E, ao mesmo tempo, já estamos anunciando um supercomputador, um computador que vai permitir que os nossos cientistas perfaçam percursos que até agora não puderam por falta de meios materiais.

Petrópolis junta, portanto, um palácio para as orquídeas, para as hortênsias, para os bailes, com outro palácio, para o cérebro, para que nós possamos avançar mais. E isso mostra bem o significado desta cidade, um significado que transcende, pura e simplesmente, o fato – embora muito importante – de ter sido e continuar sendo uma cidade imperial. Ela é uma cidade, também, muito do povo, uma cidade de uma nação – como disse o Ministro Weffort – que deseja se fazer cada vez mais forte.

E, para fazer-se mais forte, sabe que, primeiro, tem que recordar que não pode jogar fora o passado. Pode criticá-lo, pode não estar mais afinada com ele, mas sabe que, sem as fundações, não se constrói edifício algum. E quem quer avançar destruindo o que foi feito, sem reconstruir, labora em equívoco, porque não conseguirá avançar. Conseguirá apenas ter a pretensão, vã, de fazer mais do que os outros já fizeram.

Aqui, nós não apenas queremos voltar, mas queremos também avançar, não negando o que nós já fizemos. Este símbolo, este Palácio de Cristal, com este laboratório, significa isso.

Petrópolis se insere neste novo momento do Brasil – que é um novo momento também internacional –, porque passa a ser uma cidade cujo povo, como já disse, é um povo aberto, hospitaleiro. Ela vai poder ampliar essa sua capacidade não apenas com o turismo no sentido do descanso, mas com o turismo cultural e, agora, com as convenções, com as reuniões científicas. É uma cidade que tem o que oferecer.

Isso é Petrópolis, uma cidade que, apenas ao se chegar, já se sente o encantamento dela. Qualquer um que chegue já sente o encantamento dela.

Por certo, isso significa, também, que nós temos sido capazes – nós, brasileiros – de darmos as mãos uns aos outros, a despeito de diferen-

ças. Os que não são capazes de entender as diferenças não são capazes de construir nada de duradouro.

Nós temos sido capazes de fazer com que os vários níveis da administração colaborem. O Ministro Weffort disse que, em cada unidade da Federação, o Ministério da Cultura tem alguma coisa marcante na recuperação da memória. Nunca perguntamos de que partido é o prefeito. Nunca perguntamos de que partido é o governador. Nunca perguntei se era contra ou a favor, não digo de mim, porque isso não importa, nem mesmo das reformas que, isso sim, importa. Por quê? Porque, ao fazer, nós fazemos pelo Brasil, pelo povo do Brasil, e não para constituir uma aliança eventual, que desaparece e que a História, certamente, não registrará, se não for como um meio para se chegar a uma continuidade cada vez mais enriquecida pela nossa capacidade de criação.

Agradeço muito. Agradeço profundamente a alegria de poder vir pela terceira vez a Petrópolis. O Governador me incitou a vir pelos próximos anos. Virei como cidadão. Virei a Petrópolis quantas vezes eu puder, porque me sinto aqui muito à vontade. E seria temerário dizer de outra forma, porque já vão dizer que estamos usando a máquina. E a máquina que nos interessa é a do tempo. É a da continuidade do Brasil, do nosso povo.

Já falei talvez demasiado, ao reiterar realmente, de todo o coração, os meus agradecimentos, especialmente à ação do Ministro Dornelles, do Ministro Weffort, da Firjan, do Governador, do Prefeito, que, juntos, foram capazes de desenvolver esse trabalho; e, certamente, de centenas de pessoas que estão por trás de tudo isso. Esta tarde, eu ainda tive a alegria de estar no Museu Imperial, numa reunião com os homens e as mulheres da cultura, e ver que, no Brasil, existe realmente um momento de vibração.

Acho que, mais do que falar, nós temos que ouvir. E que a música que vai ser cantada aqui e as vozes que nós ouviremos daqui a pouco sejam também parte deste momento de profunda recordação. E que os nossos corações se encham de alegria.

Muito obrigado.

